

Mailson tenso após encontrar Baker

QUARTA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 1988

O ministro foi evasivo ao sair do encontro com o secretário do Tesouro dos EUA. Desde o carnaval, algo mudou

MOÍSES RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Um ministro da Fazenda tenso, lacônico e evasivo evitou contar qualquer novidade sobre as negociações com os banqueiros credores, as circunstâncias em que o Brasil volta ao FMI e seu encontro com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, do qual saiu para receber a imprensa na Embaixada do Brasil, em Washington, na tarde de ontem.

Mailson da Nóbrega teria expectativas que não foram satisfeitas? Pelas suas respostas às insistentes perguntas, "não". Ao contrário até ouviu a confirmação de que "na medida das possibilidades, o governo americano vai trabalhar ao nosso lado". Três funcionários do Departamento do Tesouro, procurados para algum esclarecimento, negaram-se a dar qualquer contribuição. Mas quem se lembra de sua euforia ao encontrar-se com o secretário James Baker, durante o último carnaval, e o viu ontem, não há dúvida: algo mudou.

Foi assim que o ministro resumiu seu encontro com o secretário Baker, quando as luzes das televisões iluminaram seu rosto, como se fossem um sinal de início de entrevista: "Discutimos questões de mútuo interesse do Brasil e dos Estados Unidos". E acrescentou que isso é normal, quando dois ministros se reúnem. Ele teria apresentado algum pedido de apoio para as negociações com o FMI? "Não. O Brasil ainda não iniciou negociações com o FMI. Esperamos fazê-lo em breve, assim que tenhamos os programas de estabilização da economia." Mas acentuou: "As negociações são feitas com o FMI, e não com seus países-membros".

Um repórter lhe perguntou: O sr. está discutindo algum empréstimo-ponte? (sem o qual, ele tem repetido, o Brasil não pagará os juros de abril).

"Não. Não discutimos assuntos sobre negociações entre o Brasil e os bancos credores."

Outro repórter insistiu: Mas voltou-se à idéia de um empréstimo-ponte? Em Caracas, no mês passado, num momento de tensão, o ministro Mailson da Nóbrega disse que o empréstimo-ponte era uma invenção da imprensa. Agora, ele quis saber quem foi que disse isso, avisan-

do: "Eu, não". Depois, explicou: "Há um desejo dos bancos de que um eventual empréstimo-ponte tenha a participação de governos".

"Não dá para sabermos um pouquinho mais da reunião?"

"Ele (o secretário Baker) estava interessados em saber das repercussões financeiras das últimas medidas. Trocamos idéias dos objetivos que o governo brasileiro pretende alcançar com o programa de redução do déficit público. Isto é uma conversa normal, natural. Conte-lhe do nosso objetivo de lançar as bases de um programa de modernização da economia nacional com menor volume de intervenção do Estado, de estatização. Que chegou o momento de rever o papel do Estado do Brasil."

De passagem, o ministro diagnosticou o estado das negociações do acordo de médio prazo com os banqueiros credores, em Nova York: "Elas estão indo bem, na minha opinião. Estamos perto de um acordo, em uma ou duas semanas". Lembrou-se ao ministro que seus planos previam o início das negociações com o FMI para o começo de abril. "Não está afastada a hipótese de começar a negociação com o FMI ainda em abril. Imaginávamos que ia ser no começo de abril. Não aconteceu assim. O ajustamento da folha de salário do setor público, a redução do déficit, levou tempo. Atrasou nosso programa, mas não afetou."

O ministro Mailson da Nobrega, um pouco mais relaxado no final da meia-hora que concedeu à imprensa, defendia-se de qualquer pergunta sobre as novidades nas negociações da dívida, dizendo: "Nós vamos divulgar as discussões com os bancos depois de concluído o acordo". E diante das informações de que o pacote já estava amarrado, publicadas ontem no Brasil, acrescentou:

"Se estamos discutindo é porque há opiniões divergentes. Se não já teríamos terminado o acordo".

"Verdade que os pagamentos de juros são agora semestrais?"

"Estamos discutindo muitas coisas com os bancos, e vamos divulgá-las tão logo tenhamos o acordo."

O *carve-out* (a economia com redução da taxa de risco sobre a dívida) já está fechado?"

"Estamos discutindo."